

P D A, para os íntimos

Gustavo Dahl

Os micos sobreviventes nas fraldas da Mata Atlântica que encobrem o Maciço da Tijuca, nesta gloriosa e infernal cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, tem uma maneira curiosa de manter a espécie. Não sustentam uma única forma de organização familiar. Segundo as circunstâncias, podem ser monogâmicos (papai, mamãe, filhinhos), polígamos (o bicho solto no meio de várias fêmeas), ou ainda poliândricos (uma mica evidentemente devassa, cercada de vários maridos). Em nome da perpetuação da espécie, refazem no espaço o que a humanidade fez no tempo. E ao contrário de outros animais silvestres, expulsos pela cidade grande, alegrem as manhãs das casas vizinhas à Floresta. Quem teve o prazer de ver o filme Pequeno Dicionário Amoroso, de Sandra Werneck, redenção da insustentável leveza do espírito carioca, entenderá a evocação. Nele, por várias vezes, compara-se a estratégia de sobrevivência na selva, dos primatas, à nossa, na civilização. Civilização?!

O cinema brasileiro, também andou seriamente ameaçado de extinção e é, como o país, surpreendente. Capaz de proezas incriveis para sobreviver. Há muito tempo não se tinha a satisfação de rir junto com a plateia, cinema cheio, na língua que a gente fala, olhando lugares que a gente reconhece, personagens que poderíamos encontrar, vivendo situações que, mais ou menos, todos já passamos. Para quem perdeu as chanchadas da Atlântida na infância, Todas as Mulheres do Mundo (Domingos de Oliveira), Vai Trabalhar Vagabundo (Hugo Carvana) ou Menino do Rio (Antonio Cal

mon) na juventude, trata-se de uma experiência nova, inédita, inaudita. Dinosauros melhor ou pior conservados poderão ter a renovação de um sentimento sem o qual a vida humana se torna in suportável: a esperança. Sem pieguice, PDA, para os íntimos, restaura a ilusão de possuir de novo aquilo que franceses, italianos, alemães, ingleses e até japoneses já tiveram um dia. O gosto de se ver nas telas e poder dizer-se: eu sou quem eu sou. Os americanos, formidáveis autores das leis do mercado cinematográfico, ao contrário do resto do mundo, nunca o perderam. Mas esta é outra história.

Um dos encantos do cinema, e não dos menores, é sua capacidade de ser contemporâneo. É extasiante pensar que o roteiro do primeiro Scarface (Howard Hawks, 1932), escrito por Ben Hecht em onze dias, foi mandado para Al Capone, em pessoa, a fim de saber se não dava problema filmá-lo. Chiquerrima, Chicago nos anos trinta, varrida por rajadas de balas ao som dos "blues" do Mississippi. O filme foi feito e é uma obra-prima. Definitivamente, mesmo em Hollywood, a terceira década do século foi aquela elegância. Rossellini também, pegando uns restos de película e fazendo Roma, Cidade Aberta (1945), enquanto os americanos acabavam de expulsar os alemães da Cidade Eterna, em plena Segunda Guerra Mundial, realizava a permanente pretensão do artista. Expressar-se inteiramente aderido ao seu tempo, sem ser efêmero e ao seu corpo social, sem ser chato. Vendo Intolerância, de Griffith, descrever em 1918, as convulsões sociais e a sociedade novaiorquina do momento, o olhar desatento, sugestionado pela reconstituição da Mesopotâmia de Nabucodonosor ou pela França dos huguenotes, esquece que David W. estava é refazendo o presente.

Ouvi Paulo Emilio Salles Gomes contar, e espalhei, a historia do filosofo Henri Bergson, glória de França, inquirido por um repórter sobre a novidade que era o cinema. Cheio de si, e de desprezo pela invenção, ~~sentiu~~ Bergson levou a mão à testa e sole-
ne, pontificou: "Eu penso que o cinematógrafo é muito importante para que no futuro, se saiba a maneira com que os antigos se me-
ciam". Projetada no campo dos valores e no plano dos sentimentos, a frase é lapidar.

Num mundo em que a violencia virou produto, Pequeno Dicionario Amoroso investe no reverso da medalha. Felizmente a lei do desejo mercadologico permite ainda, ou de novo, que se façam filmes de amor. Neste exato momento, os interessados pelo assunto podem rever Jules e Jim, constatar a vitalidade shakespeariana em mais uma versão modernizada de "Romeu e Julieta" ou até mesmo descer a profundidades bergmanianas, nórdicas, na adaptação teatral de "Cenas de um Casamento". No verão o Rio ferve, é literalmente o lugar mais quente do Brasil, mas o amor acontece. Nem só de tchan vive o homem. Embora no PDA, Sandra, Andrea e Monica garantam o contrario. Esta preferencia nacional pela protuberancia calipigia, que já fascinou brasilianistas, mereceria aliás um tratado antropologico. Num país tão macho, causa especie a consagração de um detalhe anatomico que afinal de contas, é unissex. Xuxa e mais recentemente a propria Carla Perez, rainhas dos baixinhos e do tchan respectivamente, perguntadas sobre o que mais as atraia nos homens, não tiveram dúvidas e responderam no ato: a bunda. Deve ser a influencia muçulmana na civilização portuguesa, nos devolvendo à milenar tradição mediterranea. Sem

desdouro, no entanto, para a importante contribuição africana.

Uma das originalidades do Pequeno Dicionário é que tanto Andrea Beltrão quanto Daniel Dantas não são deuses do sexo, não tem formas exuberantes nem musculos esculpidos, "rasgados" pelas academias de ginásticas. Além de excelentes interpretes, são sexualmente atraentes por serem, seguramente, pessoas interessantes. Esta pessoalização do sex appeal rompe com o estereótipo publicitário-televisivo em voga e permite vislumbrar uma sensualidade mais espiritualizada, como se dizia das pernas de Marlene Dietrich. Compensa a vulgaridade e o vazio do esplendor animal puro e simples, consagrados pela mídia. É incrível, extraordinário, fantástico, gente também dá pé. Nossas fantasias não precisam alimentar-se só de modelos top e neste sentido PDA contribue solidamente para a democratização do desejo.

Não cessam aí suas contribuições. O calcanhar de Aquiles dos filmes brasileiros é a cinematurgia. Não tem tradição teatral, o país. Anchieta, Gonçalves Dias, Martins Pena, Arthur de Azevedo, Joracy Camargo serão respeitáveis, mas não atingem, por exemplo, o nível de nossa literatura. A força dramaturgica esboçada pela reação realista dos anos cinquenta e sessenta, com Jorge Andrade, Dias Gomes, Gianfrancesco Guarnieri, Oduvaldo Vianna Filho, Plinio Marcos não teve seguimento ou renovação. Exceção Mauro Rasi. A novela de televisão, ao contrario do folhetim do século passado, que conduzia ao romance, não leva a nada. É a propria negação do espirito de síntese do conflito teatral, que vem dos gregos. Dilue-se a construção dramática, espichando ~~as~~ situações meses a fio, tornando-as ralas e repetitivas. Herdeiro

desta falta de tradição, nosso cinema normalmente se atrapalha com a carpintaria das emoções. Não existe em português uma palavra como play-wright, infinitamente mais concreta que dramaturgia, confundindo peça com jogo, quase brincadeira. E é brincando que o Pequeno Dicionário avança sobre a cinematurgia tradicional.

Contrariamente ao que foi apregoado, sua relação não é com a "Comedia da Vida Privada" mas com a Comedia dell'Arte. Está mais para o lado do teatro que da televisão. É característico o tom confessional e a busca de cumplicidade com a plateia, cada vez que os personagens a ela se dirigem através da câmera. Gabriel/Pierrot, Luiza/Colombina, Barata/Arlequim, obviamente. Tanto é verdade que, começado como um híbrido de ficção e documentário, o filme expurgou de si mesmo os depoimentos de pessoas comuns. Su-
tilmente, cá e lá, Sandra Werneck, os roteiristas, a montagem, reconstituem o tom documentário, falseando-o. Não há improvisação e os falsos depoimentos remetem à ficção. Os persona-
gens fingem serem pessoas para darem verossimilhança a seu enredo imaginado. É um jogo de espelhos no qual um casal (Andrea Beltrão/Daniel Dantas) se reflete em outro casal (Tony Ramos/Monica Torres), sugerido pelo filme, que no entanto, não devolve a imagem ao casal original. Pelo contrario, funciona como instancia crítica do outro, da instituição do casamento e do proprio sentimento amoroso. Para estes, o que não é estatística, é harmonio. A questão do duplo se resolve quando a companheira decepcionada e em crise, procura a cartomante, ex-mulher de Gabriel, e as cartas mostram que os homens são todos iguais, porque estão ambas falando da mesma

pessoa.

Cinematograficamente, para os velhos godardianos ou truffautianos, o filme tem o sabor especial de constatar que, mais de trinta anos depois, o que era ruptura, virou linguagem. O uso do tempo, da camara, das cores, a proximidade moral e física de atores e personagens, devolvem o prazer de se libertar, de novo, de um cinema meramente narrativo. Nada contra, o mundo é isso mas não é só isso e uma coisa, na maioria das vezes, não exclue a outra. Pequeno Dicionario Amoroso consegue ser autoral sem ter o ranço autoral. A diretora que trabalhou no roteiro, na produção, na montagem, e confessou ter feito o filme após uma separação e em crise sentimental, foi além do próprio umbigo, saiu de si. Como demonstra o sucesso de publico. Inventado, em varios sentidos, com filmagens interrompidas por um ano, profissional, mas com recursos discretos, resolvido na criatividade do roteiro e da montagem, Pequeno Dicionario Amoroso conseguiu romper a barreira de desempatia - ou será antipatia? - que normalmente se opõe, certo ou errado, ao filme brasileiro. É um espanto! Mas, apesar de tudo, é no olho do espectador que se dá, finalmente, o cinema.

Em tempo: o orangotango é o unico primata que não vive em bandos nem em familia. Para acasalar, no devido momento, procura a femea. Depois a abandona, deixando com ela a guarda da prole. E continua a errar sozinho pelas florestas da Malasia. Não sofre de amor, mas ^{fica} meio triste. É como dizia Oswald de Andrade, no seu futurista poema - piada, "Adolescencia":

Aquele amor,
nem me fale.

-X-X-X-X-X-X-X-X-X-